

Nohl, Arnd-Michael (1998): Os filhos do subúrbio [Die Kinder der Vorstadt].
In: *Cultura Vozes (Brasilien)*, Vol. 92, Nr. 1, Januar/Februar 1998, S. 71-85

Nº 1 - Ano 92
Volume 92
1998

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| O Primeiro Manifesto da "Globalização" | 3 |
| <i>Alex Fiúza de Mello</i> | |
| Impactos da Globalização nos projetos das elites nacionais | 32 |
| <i>Regina Maria d'Aquino Fonseca Gadelha</i> | |
| Retrospectiva histórica do processo de globalização financeira | 43 |
| <i>Fernando Augusto Mattos</i> | |
| Os filhos do subúrbio | 71 |
| <i>Anrd-Michael Nohl</i> | |
| Ética católica e o espírito do capitalismo O capítulo da sociologia da religião de Max Weber que não foi escrito | 86 |
| <i>Michael Löwy</i> | |
| Vera Sílvia Magalhães: Estrangeira em seu próprio país | 101 |
| <i>Rosângela Patriota</i> | |
| Política & História: Entrevista com Diolinda Alves de Souza (MST) | 118 |
| <i>Juliana Resende</i> | |
| Cinema: Reportagem especial - Leon Hirszman - 60 anos | 129 |
| <i>Helena Salem</i> | |
| Teatro: Nelson Rodrigues e a modernidade de Vestido de noiva | 144 |
| <i>João Roberto Faria</i> | |

Fundador: Inácio Hinte, OFM
Coordenação e Redação: Fernando Nasser
E-mail: Fnasser@ibm.net

Conselho Editorial:

Fé e Cidadania: Dom Paulo Evaristo, Cardeal
Arns; *Artes Plásticas:* Fernando Gullar, Antonio
Gonçalves Filho, Maria Lúcia Bueno de
Paula; *Filosofia:* Paulo Arantes; *Fotografia:* Jorge
Araújo, Niels Andreas, Fábio Augusto Moreira
Salles, Juan Esteves; *Cinema:* Jean-Claude Ber-
nardet, Luiz Carlos Merten, Luiz Nazário, Al-
cides Freire Ramos; *Helena Salem:* *Sociologia:*
José Mario Ortiz Ramos, Octávio Ianni;
Antropologia: Marcia Regina da Costa, Paula
Montero; *Literatura:* Antonio Medina; *Teatro:*
Iná Camargo Costa, Marcio Aurelio, Rosângela
Patriota, Fernando Peixoto; *Política:* Anita Leo-
cádia Prestes; *História:* Fernando Antonio No-
vais, Anita Novinsky; *Judaísmo:* Rabino Henry
Sobel.

Correspondentes: Nova York: Berta M. Sichel;
Milão: Mônica Ralsa Schpun; Alemanha: Vivian
Weller.

Diagramação: Sheila Roque.

Projeto Gráfico: Marcelo Pimentel.

Capa: Marcelo Pimentel sobre foto reprodu-
ção arquivo CULTURA VOZES.

Colaborou neste número: Agência Estado,
Arquivo Jornal O Estado de S. Paulo.

Marina Camargo Costa, pelo envio do texto:
Ética católica e o espírito do capitalismo. O
capítulo da sociologia da religião de Max
Weber que não foi escrito, de autoria do
Professor Michael Löwy.

A Antologia de Cultura Vozes, publicada des-
de 1907, ininterruptamente, com periodicida-
de bimestral, integra a Rede Ibero-Americana
de Revistas de Comunicação e Cultura. Está
catalogada no ISSN, International Standard
Serial Number, sob o registro 010-222X.

Cultura Vozes publica artigos das mais diver-
sas áreas relacionadas com a cultura. Solicita-
mos que as matérias sejam enviadas para
nossa Redação, no endereço abaixo.

Os artigos terão de 5 a 10 laudas. Serão
acompanhados de resumo (15 a 20 linhas),
intertítulos, ilustrações (se houver), dados do
autor e autorização para publicação. As rese-
nhas terão de 5 a 7 laudas.

Os trabalhos datilografados serão entregues
em duas vias e, os informatizados, em disque-
te formatado para o programa: Word,6/7,
Word para Windows.

Redação:

Cultura Vozes

Rua Haddock Lobo, 960

01414-000 - São Paulo, SP

Tel/Fax: (011) 258-7070

Home Page: <http://www.culturavozes.com.br>

Assinaturas e números atrasados:

Rua Frei Luís, 100

25689-900 Petrópolis, RJ

 EDITORA
VOZES

Petrópolis
1998

OS FILHOS DO SUBÚRBIO*

Anrd-Michael Nohl**

A discussão política sobre a migração na Alemanha está determinada pelo problema da nacionalidade das minorias migrantes. No entanto, nesse aspecto, levam-se em conta apenas as perspectivas da política do estado e da sociedade como um todo, enquanto que o ponto de vista dos(as) migrantes permanece esquecido. No entanto, se tomarmos como ponto de partida da análise, não a diferença nacional em, p. ex., "alemão"/"turco", mas a práxis cotidiana dos(as) migrantes, ficam patentes os compromissos locais, e isso de tal forma que o fato de pertencer a esta ou àquela nacionalidade fica em segundo plano.

I – Juventude "turca" em Schöneberg

A "faixa etária de imigração" de filhos de trabalhadores(as) migrantes turcos(as), que retornam para o seio da família na Alemanha, foi determinada, nos anos 70, sob o seguinte aspecto: Que faixa etária possibilita ainda uma assimilação pela cultura alemã? Quando nos anos 80 e 90 a lealdade nacional se tornou critério para a discussão do problema da cidadania e do direito ao voto, a discussão não se concentrou no direito de permanência, mas no direito à co-determinação política. A pergunta que se fazia era: Pode um turco, que está ainda emocional e economicamente ligado à Turquia, co-determinar a política de uma "comunidade alemã que está fadada ao mesmo destino", na qual ele próprio não está inserido 100%? Essa questão, que parte de premissas falsas, ainda não foi esclarecida.

Enquanto isso, a confiança da opinião pública progressista da Alemanha Federal, que espera pelo afastamento dos(as) migrantes de seu país de origem, vê-se abalada, e confirma-se a desconfiança dos conservadores: Os partidos de guerra, no conflito curdo, descobriram a Alemanha e suas comunidades turcas e curdas como um palco paralelo de guerra econômica e propagandis-

* Publicado em: folhas do *izim*, nº 207. Tradução de Enio Paulo Giachini, da equipe de tradutores da Vozes.

** Professor da Faculdade de Ciências da Educação da Freie Universidade de Berlim, onde desenvolve projeto de pesquisa sobre juventude, migrante e criminalização.

**A pergunta que se fazia era:
Pode um turco, que está ainda
emocional e economicamente
ligado à Turquia, co-determinar
a política de uma "comunidade
alemã que está fadada ao
mesmo destino", na qual ele
próprio não está inserido
100%?**

ticamente útil. No lado conservador exigiu-se logo punição e extradição, pelas vias da violência, através da qual veio à tona a simpatia dos(as) migrantes curdos pela "coisa nacional" do povo curdo. Os círculos progressistas sentem-se abalados pela ressonância que alcançou a propaganda nacionalista do enviado do governo turco TRT-INT, em favor de "nossos soldados", na população de descendência turca, e vê como pano de fundo um auto-isolamento da comunidade alemã. A popularidade do enviado turco para a televisão serve aqui como prova "objetiva" de uma "turquização", sem que sequer tenha sido questionado qual o significado desse programa para os(as) migrantes.

Há bem mais de 30 anos depois do começo da migração em função de trabalho, na Alemanha, o que domina o discurso público é a questão pela nacionalidade e lealdade nacional. Não importa se se rejeitam ou se exigem compromissos nacionais – através da redução da problemática da migração ao conceito de "nação", reproduz-se constantemente essa dependência às categorias nacionais. As diferenças que se estabelecem entre "alemão" e "turco" acabam virando rótulos. As rotulações nacionalistas não são usadas só na política, mas acabam sendo usadas também pelos(as) próprios(as) migrantes. E isso de modo especial, quando eles são interrogados a respeito de sua identidade nacional, o que é comum no jornalismo e nas entrevistas. Nesse âmbito, porém, torna-se claro somente o modo como a identidade do mundo externo é transmitida de uma maneira simbólica, e correspondentemente a quais das duas nacionalidades que lhes estão à disposição os(as) migrantes gostariam de sentir-se ligados. A grande riqueza de facetas de identidade já não é levada em consideração quando esta se concentra em um rótulo nacionalista. A vida, porém, não se reduz apenas à decisão por uma nacionalidade. As experiências feitas na escola, na família, na educação, na economia doméstica, nas relações com conhecidos, experiências com autoridades civis e experiências de consumo – o dia-a-dia, portanto –, comportam um espaço muito amplo. Se nós analisamos depoimentos sobre experiências do dia-a-dia, nesse sentido, o que se documenta nelas próprias sobre os(as) migrantes, obtemos acesso a uma identidade, que está além dos símbolos nacionalistas. Torna-se patente a pouca importância que os rótulos nacionalistas têm na vida cotidiana dos(as) migrantes.

As ex
iam toma
são da p
diversas.
os resulta
seguir, co
os(as) tur
um acess
se se asse
às mais d

Por c
ou menos
de Berlim
no estud
pudemos
berg relat
pudemos
de futebo

Hakar
anos. Nô
juventude
na compa
tes para f
companh
passar o s
fizeram e
Dessa tur
desses jo
outros es
bilhar, ou
passa as s

Semp
tro desse
entes. Na
no lugar c

As experiências cotidianas, as quais dever-se-iam tomar como ponto de partida para a discussão da política sobre a migração, são muitas e diversas. Por isso, eu não gostaria de generalizar os resultados do estudo que vou apresentar a seguir, como se fossem declarações gerais sobre os(as) turcos(as) na Alemanha. Só se pode garantir um acesso adequado à problemática da migração, se se assegurar abertura e interesse com relação às mais diversificadas situações de vida das referidas pessoas.

Só se pode garantir um acesso adequado à problemática da migração, se se assegurar abertura e interesse com relação às mais diversificadas situações de vida das referidas pessoas.

Companheiro e pesquisador

Por conta de um projeto de pesquisa foram interrogados mais ou menos 60 grupos de aprendizes (homens), de diversas regiões de Berlim. Havia sido planejada a inclusão de juventude feminina no estudo, mas infelizmente não foi financiada. Assim, não pudemos comparar o que os jovens turcos da região de Schöneberg relataram sobre sua vida com relatos de jovens turcas, mas pudemos compará-lo com aquilo que grupos alemães de torcidas de futebol, de músicos, os *Hooligans* e outros jovens.

Hakan, Ismail, Baki e Deniz são jovens na idade de 17 até 22 anos. Nós os conhecemos em diversos centros de encontro da juventude da região de Schöneberg, onde é possível encontrá-los na companhia de seus amigos. Estes grupos são muito importantes para Hakan e os outros jovens, assim como o são para os seus companheiros alemães de mesma faixa etária. Aqui eles podem passar o seu tempo livre; podem aproveitar as experiências que fizeram em casa ou na escola, elaborar planos para o futuro... Dessa turma já não há ninguém que frequenta a escola. Alguns desses jovens turcos estão fazendo formação profissionalizante, outros estão desempregados. No seu tempo livre jogam cartas, bilhar, outros aproveitam para "espairecer", e um outro grupo passa as suas noites livres dançando *Break*.

Sempre que visitamos pela primeira vez um centro de encontro desses jovens, sentimos-nos como que intrusos em seus ambientes. Na noite em que conhecemos Baki e sua turma, entramos no lugar onde se demoravam e ficamos espreitando os(as) assis-

tentes sociais. Baki, que estava atrás de um balcão, chamou-nos e disse: "Aqui eu sou competente". Que os jovens consideram o espaço como seu, ficou bem mais evidente logo em seguida. De um outro canto, veio-nos ao encontro um outro jovem turco, perguntou o que queríamos e acabou exigindo que nos apresentássemos: "Se entra algum novato no lugar, há que declarar quem ele é". Depois que conhecemos os jovens um pouco mais de perto, Baki nos contou que devíamos agradecer a chance de investigar os centros de juventude simplesmente à generosidade e confiança dos jovens. Enquanto as ordens da casa permanecem penduradas e escondidas em um canto, quem determina as efetivas regras de jogo nos centros de juventude são os "hóspedes permanentes".

Interpretação de discriminação

Nisto, a impressão que tivemos da metamorfose do espaço público, operada na esfera privada de uma sala de estar, não tem muito a ver com uma delimitação que separasse os(as) pesquisadores(as) alemães. Nós éramos considerados estranhos, antes, pelo fato de que os jovens "conheciam uns aos outros nos mínimos detalhes", e mesmo que não fossem amigos íntimos, pelo menos eram todos "companheiros", como eles próprios dizem. A socialização que se dá, por conta das pequenas "vilas" que se reúnem ao longo das ruas, e que lhes dão uma certa circunscrição, promove uma disposição à solidariedade frente aos estranhos, que faz ficar em segundo plano também possíveis diferenças de interesses e de objetivos de vida.

A socialização que se dá, por conta das pequenas "vilas" que se reúnem ao longo das ruas, e que lhes dão uma certa circunscrição, promove uma disposição à solidariedade frente aos estranhos, que faz ficar em segundo plano também possíveis diferenças de interesses e de objetivos de vida.

Embora nenhum dos grupos que dialogaram conosco tenha falado de *Skinheads*, as conversações entre os jovens esbarram sempre no tema da discriminação. Baki, que, depois de interromper a formação profissionalizante, colocou-se novamente na busca de emprego, conta de conversas que teve com empregadores(as): *Fala-se com eles por telefone, estabelece-se uma entrevista, e pelo telefone eles não chegam a desconfiar que*

*nós s
bem
nossa
geiro
que r
exem
comp
se de
o(a) e
se o j*

*C
sobre
aque
enqua
das in
vel ur
Por o
situaç
discrim
interp
cretas
propa
tanto,
racism
comp
de ou
fica ca*

*O
tam co
cedên
so no
mostr
ação c
da disc*

*De
estrang
eram i*

nós sejamos estrangeiros... Porque nós, em parte, falamos muito bem o alemão... E quando chegamos lá, então, eles observam nossos cabelos pretos e deduzem que somos turcos, ou estrangeiros. E então eles começam a construir cercas, barreiras, para que não consigamos esse emprego. Se você representar ter, por exemplo, 20 anos de idade, eles dizem que esse emprego só é compatível para pessoas com 25 anos de idade. Nessa conversa, que se desenrola em um plano muito geral, não é possível identificar se o(a) empregador(a) tinha realmente a intenção de discriminar, ou se o jovem interpreta assim o malogro de seu intento.

O problema que se manifesta nos relatos de muitos jovens sobre o comportamento racista é justamente este: Uma vez que aqueles que discriminam se escondem atrás de "escusas", e enquanto tais são inautênticos, os jovens não podem ter certeza das intenções de seus opositores. Desse modo, torna-se impossível uma discussão sobre o conteúdo do comportamento racista. Por outro lado, os jovens correm o risco de interpretar algumas situações de modo equivocado, se as muitas experiências de discriminação se transformarem em modelos estereótipos de interpretação de situações ambivalentes, fora de situações concretas, como por exemplo através da reprodução oral, ou da propagação pelos meios de comunicação. O que ameaça, portanto, a comunicação entre alemães e migrantes não é mais o racismo simples e aberto; o problema se tornou muito mais complexo: Onde, de um lado, impera uma postura inautêntica, e de outro se apregoa uma concepção de medo da discriminação, fica cada vez mais difícil o entendimento.

Os jovens turcos do sexo masculino se defrontam com a discriminação com relação à sua procedência, justamente no momento de seu ingresso no mercado de trabalho. No seguinte relato, mostra-se como Ismail se defronta com uma situação complicada pelo fato de não ter consciência da discriminação:

Desde que eu comecei a trabalhar, eu soube que eu era estrangeiro. Antes, eu não tinha consciência disto; na escola todos eram iguais para mim; sem problemas. Ali (no trabalho; AMN),

Os jovens turcos do sexo masculino se defrontam com a discriminação com relação à sua procedência, justamente no momento de seu ingresso no mercado de trabalho.

todos me chamam de Mustafá; eles não conseguem falar meu nome corretamente... E quanto às piadinhas que fazem sobre os estrangeiros, sobre isso eu não posso dizer nada, senão eu acabo me embananando ainda mais.

Já com o simples fato de que os(as) colegas de trabalho não reconhecem a autenticidade individual de Ismail e rotulam-no com um nome étnico-turco, a identificação de Ismail com os companheiros de sua faixa etária e sua auto-estima são abaladas. A rotulação com um pseudônimo estrangeiro leva a uma reflexão sobre a própria identidade, sem levar necessariamente a buscar refúgio em uma nacionalidade.

Não-turco, não-alemão e também não um entremeio entre os dois

Nem toda "turma" de jovens leva a confrontação com o racismo a um questionamento da própria identidade. Em algumas dessas gangues da subcultura, que "mergulham" na dança *Break* também no mundo do crime, as discriminações, que afetam o futuro de algumas pessoas, perdem importância ou servem de trampolim para uma escalada de enfrentamentos corporais.

Assim, para nos aproximarmos da identidade ou cultura da juventude turca, temos de engatar nos relatos daqueles que precisam reassegurar sua identidade frente à rotulação estrangeira discriminatória. Neste caso, há que se observar que os jovens sentem sua auto-estima roubada a partir de fora, pelos(as) investigadores(as) e discriminadores(as), e a partir dali também acabam explicitando sua cultura. Hakan, que também se pronun-

Neste caso, há que se observar que os jovens sentem sua auto-estima roubada a partir de fora, pelos(as) investigadores(as) e discriminadores(as), e a partir dali também acabam explicitando sua cultura.

ciou sobre sua dificuldade em arranjar emprego, acusa os(as) empregadores(as) de preferir uma "pessoa de mesma nacionalidade" a um "trabalhador adequado". Os próprios jovens, portanto, rejeitam a idéia de definir-se como turcos ou alemães, quando a sua identidade nacional se torna objeto de discussão. O meu princípio, de tomar como ponto de partida da discussão não um rótulo nacionalista, mas o dia-a-dia dos(as)

mig
jov
cor

não
Pen
apre
com
mes
escr
tam
entre
coisa
não

C
uma
unica
quan
Busca
não t

N
ta-se
como
juven
que e
rísticas
existar
"loja"
vivênc
pela lír
só está

O
dade d
para a s
no mes

migrantes, encontra, assim, correspondência nos relatos dos jovens. Eles preferem categorias que façam relação às suas competências na sociedade da republicana federal: Baki:

Quando eu vejo um jovem com a mesma idade que eu, e que não sabe falar alemão direito, então eu acho que ele é um tolo. Penso que ele cresceu como nós e vive aqui na Alemanha. Ele deve aprender a língua alemã de qualquer modo. É natural considerar como sendo uma coisa muito burra, quando um turco, com a mesma idade que nós, vem e nos pede: "leia, por favor, o que está escrito aqui". Como ele pensa que vai viver; ele começa, então, também lá onde o seu pai começou, há 20 anos atrás. Felizmente, entre nós isso não acontece. Nossos pais já conseguiram muita coisa aqui, e nós devemos progredir com isso, de algum modo, e não ficar estagnados no mesmo lugar.

O desejo de ascensão, expresso aqui por Baki nos moldes de uma biografia familiar, não implica em adaptação, mas funda-se unicamente em competência. Isso torna-se igualmente claro, quando um amigo ilustra o discurso de Baki com um dito turco: *Busca fazer com que algo fique de pé por suas próprias pernas, e não te tornes um asno como teu pai.*

No comportamento lingüístico da juventude turca documenta-se a sua práxis cotidiana, a qual não pode ser caracterizada como um entremeio entre as duas culturas, mesmo quando a juventude fala um "Mischmasch", como eles próprios dizem: O que eles vivenciaram em um ambiente dominado pelas características alemãs, eles expressam também com a língua alemã. Embora existam os correspondentes turcos que equivalem às expressões "loja" ou "consulado", eles não são usados. De modo contrário, vivências feitas no ambiente turco encontram sua melhor expressão pela língua turca. Com a caracterização de "Mischmasch", porém, só está descrito um aspecto de sua práxis cotidiana.

Saudades de Schöneberg

O bairro da cidade representa um papel especial na identidade da juventude. No grupo de Baki mostrou-se uma prontidão para a solidariedade, que envolve a todos aqueles que cresceram no mesmo quarteirão, e por isso são "companheiros". Se, pelo

contrário, Deniz e seus amigos discorrem sobre a região em que moram, eles fundem o lugar da socialização comum e a aura da própria turma: *Nós somos juventude schönebergiana e em Schöneberg os Wildcats são famosos... Os Wildcats foram fundados em Ahrplatz. Ali, donde todos nós procedemos; por ali, nas cercanias.* A ligação estreita com a região donde procedem constrói-se também na delimitação que os separa de outras partes da cidade.

Face à ameaça de discriminação, a juventude turca vai para a parte leste da cidade apenas em grupos. Porém, também a região de Kreuzberg aparece nas narrativas de Ismail, como sinônimo de caos:

Aqui (em Schöneberg; AMN) não é totalmente bom. Eu estive hoje em Kreuzberg, desembarquei e pensei estar na Turquia. Eu juro a você, uma grande droga, cheio de turcos...

Enquanto que Schöneberg corporifica-se em pátria, a Turquia torna-se para os jovens migrantes um país estranho, para o qual eles vão para passar férias e visitar parentes. Pode até acontecer dos jovens falarem sobre os planos de seus pais, de quando se aposentarem retornar à Turquia. Já dos relatos de férias passadas, fica claro para eles que uma "re"integração torna-se impossível. As visitas, caracterizadas por Ismail como "horríveis" são interrompidas antes do tempo, por causa da saudade, não da Alemanha, mas de Schöneberg. Face a uma tal "ligação à pátria", não é de se admirar que a juventude turca, mesmo depois de sua partida da morada de seus pais, queira permanecer em Schöneberg. No que diz respeito à escassez de moradias, declara Deniz: *Eles devem nos dar uma casa aqui. Meus pais vivem em Schöneberg, já há 30 anos, na mesma casa. E todos os meus irmãos moram também em Schöneberg. Meu pai mesmo não permite que saíamos daqui.* A ligação ao bairro da cidade, que cunha sua identidade, constitui-se não apenas na aura das turmas e da socialização, mas também na história das famílias.

Paralelamente a estas ligações, dá-se uma "turquização", pelo menos é o que se deve observar, em um nível simbólico. Se eu comparar a "ligação à pátria" com as tantas mudanças de lugar

que eu pr
por causa
mobilidade
segmento
homem ca
falta de ur
somente c
estrangeir
quais estã

"Eu es
palavras de
apenas um
de ladrão d
iniciada re
drão" docu
orientação
normas soc
"bando", os
é passível d
consideraçã
ou "da" cult
se, em parte
jovens, as q
interpretaçã
aqui a proble
não a partir
mas reconst
relatos. Nes
"objetivas" a
parece fazer
com outros ;
gação, infeliz
que eu encor

Enquanto que Schöneberg corporifica-se em pátria, a Turquia torna-se para os jovens migrantes um país estranho, para o qual eles vão para passar férias e visitar parentes.

que eu próprio fiz, em um período da vida muito extenso – e que, por causa da política do mercado de trabalho, que me obrigou à mobilidade, se abateram certamente também em muitos outros segmentos da vida – fica claro que o conceito de *migrante*, tanto homem como mulher, portanto, *vagabundo*¹ – o qual eu uso na falta de uma alternativa melhor – recebe sua legitimação, ainda, somente do local de nascimento, que na maioria dos casos é o estrangeiro, e das disposições da lei para os estrangeiros, sob as quais estão submissos os jovens.

1. Em alemão *Wanderln* = Vagabundo(a), no sentido de ambulante, peregrino(a) (N.T.).

II – Situações de vida precárias – Um “bando de jovens” migrantes de ascendência turca

“Eu estou me formando para ser ladrão!” Por trás dessas palavras do pequeno Mustafá de 16 anos de idade não está oculta apenas uma tensão biográfica entre uma carreira de ladrão de lojas e a formação de venda a varejo, iniciada recentemente. Na “formação para ladrão” documenta-se também a busca precária de orientação entre a subcultura criminalizável e as normas sociais onde se encontram Mustafá e seu “bando”, os “Wild Cats”. Esta situação de vida não é passível de ser compreendida por meio de uma consideração das leis estrangeiras discriminatórias ou “da” cultura turca. No entanto, estas espelham-se, em parte, nas experiências e orientações dos jovens, as quais eu reconstruí com uma intensiva interpretação de entrevistas e observações. Eu gostaria de analisar aqui a problemática especial da migração da juventude, portanto, não a partir de um ponto de vista objetivista ou generalizador, mas reconstruir o dia-a-dia da juventude turca a partir de seus relatos. Nestas descrições “subjetivas” também as estruturas “objetivas” acabam encontrando seu derribamento. Onde me parece fazer sentido, eu contrastei ou comparei os “Wild Cats” com outros grupos semelhantes (*peer groups*). A minha investigação, infelizmente, se restringe a grupos de jovens masculinos, que eu encontrei em um círculo de Berlim em centros de jovens.

“Eu estou me formando para ser ladrão!” Por trás dessas palavras do pequeno Mustafá de 16 anos de idade não está oculta apenas uma tensão biográfica entre uma carreira de ladrão de lojas e a formação de venda a varejo, iniciada recentemente.

Trabalho, subcultura e procura por autonomia

2. O ensino básico na Alemanha não corresponde ao modelo brasileiro, distinguindo já desde o 5º ano em diante três níveis de encaminhamento. O *Hauptschule* vai do 5º ao 9º ano e visa quase que exclusivamente uma formação e encaminhamento profissional.

Quando os jovens concluem a *Hauptschule*², a coisa começa a ficar "séria" para eles. Se a sua vida na escola era determinada, ainda, por muito tempo livre e liberdade para muitas outras atividades, de tal modo que podiam "fazer muitas coisas", com a entrada na escola e formação profissionalizante eles perdem essa autonomia. Agora a gente tem de "sossegar o facho" e "escutar". O fato de agora também o tempo livre estar restrito recebe sua relevância através das atividades extra-institucionais dos *peer groups*. Eles narram sobre estas atividades em discursos comuns:

- Até os 14 anos eu não fiz outra coisa do que roubar; com 15 anos eu comecei a dançar. Então eu parei um pouco de roubar. Isso foi diminuindo cada vez mais.

- E depois começou-se novamente a roubar coisas realmente grandes.

- Verídico, depois fazia assaltos em terrenos para edificações.

- Ok., Mas junto com quem eu fazia estes roubos, seu patife?

- Junto com Ali, naturalmente.

Paralelamente aos roubos, a dança é muito importante para os jovens. Com o gingado da dança eles catapultam a si próprios "para uma outra dimensão". A gente "esquece" o cotidiano do trabalho ou do desemprego frustrantes. Através destas atividades comuns, que não são planejadas ou pensadas e repensadas, mas que aparecem no grupo em caráter experimental, espontâneo, o cotidiano é igualmente suspenso. A convivência comum se constitui em um espaço além e fora desse cotidiano.

Além disso, a dança e os roubos estão em conexão com uma orientação central do grupo: A busca de autonomia. Esta, eles não a encontram no seio da sociedade - o que é plausível, face às experiências de controle e discriminatórias a serem narradas -

mas n.
mostro
jovens.
ção pa
modo
comun
proferi.
tentava
eram d.
eles ac.
começ.

As
devem
tica do
lidade
procura
mentai:

Seg
estrutur
que, or
"Kripo"
espanta
Se um
metáfo:
a inspet
resumo-
do pai:
das nor
control
se ester
formais
trole tra
ridículo

As r
exequív

mas na delimitação e separação desta. Uma tal delimitação mostrou-se no decorrer das conversações que eu tive com os jovens. Eles atacavam bruscamente minha questão com a "formação para ladrão; estigmatizavam a si próprios, com isso, e de modo consciente e delimitavam-se das "restantes" formas de comunicação por meio de risadas estridentes e de vez em quando proferiam valentias. Essa cena ocorria lá onde os próprios jovens tentavam tomar o leme da discussão e em conteúdos que lhes eram desagradáveis eles desligavam o aparelho receptor. Por fim eles acabaram invertendo totalmente a situação da entrevista e começaram eles a me colocar perguntas.

As atividades criminais, nesse grupo - assim como a dança - devem ser vistas como expressão de uma rejeição, menos teórica do que prático-ativista, das representações sociais de normalidade e do dia-a-dia monótono do trabalho. Aqui, os jovens procuram espaços de liberdade pelas vias de atividades experimentais.

Os pais, os "Muhtars" do subúrbio

Segundo os jovens, os pais representariam a personificada estrutura informal de controle do vilarejo nos arredores do parque, onde eles se encontram na maior parte do tempo. Esse "Kripo", que é como eles designam metaforicamente os pais, espanta a todos que tentam 'passar a mão' ou roubar alguma coisa. Se um dos pais é chamado de "Muhtar", nesta metáfora turca - que corresponde propriamente a inspetor regional na estrutura turca de governo -, resume-se o papel dos pais e correspondentemente do pai: Ele não é legislador mas o representante das normas sociais. Ele personifica a estrutura de controle. Essa estrutura é local, restrita à vila que se estende ao longo da rua. Face a tais instâncias formais de controle social como a polícia, o controle tradicional dos pais parece ser, aos jovens, ridículo e obsoleto.

As normas que os pais propõem para os "Wild Cats" não são exequíveis ou modificáveis. Apresentam-se como uma estrutura

Essa estrutura é local, restrita à vila que se estende ao longo da rua. Face a tais instâncias formais de controle social como a polícia, o controle tradicional dos pais parece ser, aos jovens, ridículo e obsoleto.

de exigências heterônoma e externa a eles: *Nossos pais só querem saber de nos ver trabalhando, voltando para casa, dormindo, voltando para o trabalho...* Para além dessas exigências, que tem como objetivo atividades repetitivas de reprodução, recreação e estabelecimento familiar, os pais procuram determinar também a mundivisão de seus filhos: Eles devem *ser honestos, amigáveis, e amar seus semelhantes, ao invés de bater neles e maltratá-los*. As orientações da juventude, descritas acima, e as exigências e normas dos pais encontram-se desde há muito num paralelo sem comunicação. Estas são impostas pelos pais apenas sob sanções. As orientações diferentes não chegam a se constituir em objeto de discussão ou comunicação entre as gerações.

Isso contrasta diretamente com um outro grupo de jovens turcos. No seu discurso, esses se referem aos "Wild Cats" – sem fazê-lo explicitamente, porém –, o qual eles conhecem da vila reunida nas cercanias do parque: *Eu tenho diversos amigos que não querem saber de entender-se com seus pais. Eles brigam, não voltam para casa etc. etc.* Eles colocam sua própria atitude em contraste com essa atitude de quebra da comunicação que se dá pelo fato de os outros evitarem a casa dos pais. Mesmo que houvesse "discussão, justamente por isso", eles não evitariam a comunicação, mas "iriam logo para casa". No decorrer dessa conversa, esses jovens relatam algumas situações em que eles se desentenderam e discutiram com seus pais; estabeleceram acordos para poder visitar os centros de juventude, o que antes era-lhes proibido; escolheram uma profissão e desenvolveram uma perspectiva de vida, a qual possibilitaria sua própria autonomia e garantiria a manutenção e unidade da família.

À pergunta sobre onde eles gostariam de morar, mais tarde, eles têm muita clareza em responder: Nas cercanias do parque. É que aqui já moram tanto os pais como os irmãos. E além do mais, o pai não permitiria que eles se mudassem para outro cantão de Berlim.

Voltemos aos "Wild Cats". A ambivalência de sua concepção de mundo manifesta-se também no seu relacionamento para com seus pais. Pois eles não se separam apenas da geração de seus pais, mas ressaltam também relacionamentos que se dão no parque, no lugar onde convivem. À pergunta sobre onde eles gostariam de morar, mais tarde, eles têm muita clareza em responder: Nas cercanias do parque. É que aqui já moram tanto os pais como os irmãos. E além do mais, o

pai não
Berlim
aqui!
relaci
que c
ções -
mesm

No
cantão
çam, a

No
relaci
que se
aqui q
rizado

Mu
jovem
interior
Alema
que não
discote
ou de
serviço
patriarc
de uma
social, c
alcança

Por
mulhere
dançari
buscar
O fato
estigma
Mustafã
ser um

pai não permitiria que eles se mudassem para outro cantão de Berlim: *Eles (i. é, as autoridades; AMN) têm de nos dar uma casa, aqui!* Os jovens de todos os grupos que pesquisamos têm um relacionamento tão familiar para com o parque e seus arredores, que colocam em segundo plano todas as demais possíveis ligações - com a nação turca, com a Alemanha, com o Islã, e até mesmo com Berlim.

No contexto desse sentimento pátrio, com relação a este cantão da cidade, os relacionamentos entre as gerações balançam, alternando-se entre separação e união.

Perspectivas de futuro

Nos discursos sobre o futuro, documenta-se - ao lado do relacionamento com os pais - as situações de vida precárias em que se encontram os membros dos "Wild Cats". É justamente aqui que se pode observar que aquilo que em geral é caracterizado como "tradicional" ou "moderno" convive lado a lado.

Mustafá, que como tantos outros está enamorado por uma jovem alemã de sua idade, gostaria de casar com uma "garota do interior", o que lhe é indiferente se ela vem da Turquia ou da Alemanha. Pois, as garotas que vêm da roça têm uma educação que não faz exigências de um tempo livre próprio (ir para a discoteca, sair para passear), mas estão à disposição de sua família ou de seu marido; lavam cozinha e fazem todos os demais serviços domésticos. Aqui - junto com uma imagem irreal e patriarcalista da mulher - manifesta-se a esperança de ser inserido de uma só vez numa "normalidade" familiar e com isso também social, que aos jovens parece ser impossível e até indesejável de alcançar por esforço próprio.

Por outro lado, os "Wild Cats" falam de uma vida com muitas mulheres, na riqueza e autonomia. Ali gostaria de se tornar um dançarino profissional e Mustafá sonha com o dia em que poderá buscar o seu filho na escola guiando um carro esportivo *Cábrío*. O fato de que os colegas de escola de seu filho, com isso, estigmatizá-lo-iam como traficante não representa muito para Mustafá, face às alternativas que lhes estão à disposição, de vir a ser um simples trabalhador pobre.

Isso já mostra que as perspectivas de futuro dos jovens não dependem apenas dos seus desejos e planos, mas igualmente dos espaços de jogo do negócio que empreendem e de seu cerceamento. Esse espaço de jogo não é passível de ser medido "objetivamente", antes, as experiências da juventude são determinantes para isso. Da delimitação e separação por parte dos pais eu já falei.

Um dado interessante é que os "Wild Cats" falam muito pouco sobre a discriminação racista. Parece que este tema quase não lhes chama a atenção, face à vida intensa dos grupos e de sua orientação que os separa da sociedade. Quando muito esse tema é mencionado somente na conjuntura de algum debate e discussão violentos. A discriminação motivada pelo racismo, pelo contrário, é um tema central dos *peer groups*, que mantêm uma comunicação aberta com a sociedade, como eu já descrevi acima. Os "Wild Cats", por outro lado, já têm fartas experiências com a polícia. Como o próprio Mustafá me contou, ele já foi apanhado, como menor, 15 vezes no assalto a lojas. Também

quando Ali desapareceu por três meses, sem justificativa, explicaram-me que se tratou de uma detenção. Com estas experiências de criminalidade, ainda não quer dizer que estes jovens enveredem em mão única, em uma "carreira" de subcultura como ladrões ou dançarinos. A perspectiva de vida dos "Wild Cats" ainda não está definitivamente determinada, seu "negócio" ainda tem um caráter experimental.

Em um grupo de jovens mais velhos, de ascendência turca e árabe, porém, pôde-se observar em que medida estão dependentes uma da outra, a criminalidade crescente e a delimitação e separação da sociedade, com a fixação de uma orientação subcultural. Os "gettobrothers" estão certos e seguros de que, frente ao fechamento do mercado de trabalho, mesmo estando privados de uma formação profissional, vão acabar como limpadores de edifícios. Por isso, eles preferem tornar-se "engenheiros de passeios e aproveitar as oportunidades que se lhes apresentam: receptor, traficante etc., das quais eles, no entanto, apenas fazem menção. A separação operada pelos pais e pela criminali-

dade
Meh
lir-se
total

ambi
prios
camp
socia
pape
comp
veis
juver
pelos
a ass

T.
partic
dados
com
cer a
encor
- Bar
Analy
prepa

Um dado interessante é que os "Wild Cats" falam muito pouco sobre a discriminação racista. Parece que este tema quase não lhes chama a atenção, face à vida intensa dos grupos e de sua orientação que os separa da sociedade.

...ovens não
mente dos
eu cercea-
r medido
são deter-
e dos pais

...m muito
na quase
ensa dos
para da
mencio-
debate e
notivada
central
nicação
descrevi
já têm
próprio
, como
ambém
explica-
iências
envere-
como
l Cats"
"ainda

...urca e
lepen-
itação
itação
que,
tando
impa-
neiros
esen-
enas
inali-

...dade policial abatem-se de uma maneira trágica sobre a vida de Mehmet: Seus pais enviaram-no para a Turquia, a fim de escapulir-se de ser preso por tráfico de drogas. Com isso, o jovem foi totalmente excluído de seu ambiente social familiar.

A situação de vida dos "Wild Cats", pelo contrário, é ainda ambivalente, sem que eles possam dispor livremente de si próprios. Pelo fato de eles ainda não se encontrarem presos em um campo de tensão de orientação subcultural e representações sociais de normalidade, não é o caso de enquadrá-los em um papel determinado. O caráter experimental e episódico dos comportamentos na idade da juventude, comportamentos passíveis de criminalidade - como chama a atenção a criminologia da juventude -, face à incriminação policial e a separação operada pelos pais, poderia vir a tornar-se um papel fixo, que o jovem viria a assumir.

Todos os nomes usados foram mudados. H. Appelsmeyer participou decisivamente no levantamento e interpretação dos dados. R. Bohnsack e seu grupo de pesquisadores ajudaram-me com críticas e estímulos, na análise do caso. Gostaria de agradecer a todos de coração. Uma discussão mais ampla do tema encontra-se em Nohl, Arnd-Michael: *Adoleszenz in der Migration - Banden und Cliques türkischer Jugendlicher in empirischer Analyse*, Burgbücherei Schneider, Baltmannsweiler, 1996 (em preparo).

Observações